

OPINIÃO

Cor. Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ará
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMÕES, e, VII e 14

Diretor Presidente

Paulo Cabral de Araújo

Diretor de Redação

Ricardo Noblat

Editor Executivo

José Negreiros

Diretor Vice-Presidente

Ari Cunha

Diretor Comercial

Maurício Dinepi

Diretor de Marketing

Márcio Cotrim

Diretor Gerente

Evaristo de Oliveira

Diretor Industrial

Osvaldo Abílio Braga

Diretor de Planejamento

João Augusto Cabral

Conquista efetiva

O que há de mais relevante nos 16,5% de inflação dos últimos dez meses não é apenas o fato de que é a mais baixa taxa acumulada das últimas duas décadas e uma das mais baixas de toda a história republicana do país.

O mais relevante é o fato de que não se trata de truque ou pirotecnia, como acontecia no passado recente. Não há congelamento de preços, nem maquilagem de números. O número está correto e não há sinais no horizonte de que alguma hecatombe o fará explodir. Trata-se, portanto, de conquista efetiva.

Não há como ignorar a relevância desse acontecimento, cujo mérito não se deve debituar apenas à competência dos gestores da política econômica. A sociedade é a grande vitoriosa, na medida em que se engajou no Plano Real e a ele tem dado todo o apoio necessário. Sabe-se que o sacrifício que o Plano exigiu e ainda exige não é pequeno. Basta conferir o volume das falências e inadimplências.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, procura serenar os ânimos, assegurando que o pior, em termos de política restritiva, já passou. E lembra que o juro nominal efetivo registra queda de 30% entre março e hoje e que o governo já liberou 25% dos depósitos compulsórios, o que representa considerável injeção de recursos na economia.

É verdade. Mas o desemprego e as falências continuam preocupando. Pequenas e médias empresas estão sem recursos para pagar o 13º salário e novas quedas têm sido registradas na produção industrial. O ministro da

Fazenda assegura que, em breve, já se farão sentir os efeitos das medidas de flexibilização, que o governo tem adotado, para atenuar o sufoco da política recessiva.

Não há dúvida de que o índice ontem anunciado — sobretudo a constatação de que está em queda — fortalece a autoridade e a credibilidade do governo. A inflação pode não ser — e obviamente não é — o único problema econômico do Brasil, mas é a premissa fundamental para que os demais sejam equacionados. Contê-la não resolve tudo, mas sem contê-la não se resolve nada.

Além de problemas específicos herdados de administrações passadas, como a inflação, a economia brasileira enfrenta desafios que hoje atormentam o mundo industrializado. Um deles: a revolução tecnológica. Outro: a inserção do país no contexto da globalização dos mercados, o que o obriga a importar mais.

Em ambos os casos, a questão do desemprego está presente, de maneira inapelável, independentemente de haver ou não recessão. O país precisa zelar por sua mão-de-obra, mas não pode perder a corrida tecnológica ou renunciar à globalização econômica.

O dilema torna-se menos problemático na medida em que o país consegue exibir algum equilíbrio em suas contas e libertar-se sem truques do estigma inflacionário que o atormenta há tantas décadas. Há muito por fazer, mas já há algo a festejar.